



EDITORIAL

So much to hate, and so little time (Tanto para odiar, tão pouco tempo para fazê-lo)

Milke Royko, Chicago Tribune, September 1990.

“Apesar dos tiroteios ainda não terem começado, estou tentando desenvolver em mim um salutar ódio contra o Iraque. Parece ser uma atitude patriótica fazê-lo. E eu sempre acreditei que se as pessoas se incomodam em matar uns aos outros, não deveriam tratar este fato de maneira tão impessoal.

Na verdade, trata-se de um ato muito íntimo. Apesar de não ter atingido ainda o ponto de ranger os dentes ao pensar em um iraquiano, tenho certeza que isto ocorrerá, pois adquiri uma grande experiência nestas coisas.

A primeira vez que desenvolvi um ódio patriótico foi em 1939, quando os jornalistas passaram de noite pelo meu quarto agitando edições especiais e gritando “Extra, extra. A Alemanha invade a Polônia”.

Apesar de ser criança, em um par de anos cumpri o meu dever de odiar os Alemães, os Japoneses e os Italianos (Os italianos não por muito tempo porque se renderam no momento oportuno).

Ao mesmo tempo amei e admirei os Russos e os Chineses que se juntaram a nós no ódio pelos malvados Alemães, Japoneses e Italianos. Mas quando terminou a Segunda Guerra Mundial e eu pude deixar de odiar os malvados Alemães e Japoneses, porque já não eram mais malvados, tive que começar a odiar os corajosos Russos e os Chineses, pois não eram mais corajosos, mas tinham virado malvados. Enquanto estava me acostumando com isto, surgiram os Coreanos do Norte. Mesmo sendo incapaz de distinguir um Coreano do Norte de um do Sul ou, até qualquer Coreano de um esquilo estriado americano, eu continuei a odiá-los, os Norte-Coreanos, claro. Dali a pouco descobri que podia odiar ainda alguns Alemães. Não os Alemães Acidentais, que haviam se tornado bons, cedendo até alguns de seus cientistas ex-nazistas para nos ajudar a construir foguetes. Porém, os Alemães orientais tinham se tornado malvados comunistas e devíamos odiá-los.

De qualquer maneira, isto criou um pouco de confusão visto que a Polônia, a Tchecoslováquia, e Iugoslávia e outros países tinham se tornado comunistas e eu me senti na obrigação de odiá-los. Disseram-me que eles, na verdade, não queriam tanto ser comunistas, que foram os Russos a obrigá-los. Assim não tive que odiá-los tanto quanto odiei os Russos e os Chineses.

Depois foi a vez de Cuba. Nunca havia reparado nela, pois não fumava charutos. Quando, porém, um heróico Fidel Castro derrubou um regime malvado e corrupto, foi induzido a admirar o heróico Castro, o que fiz, apesar de achar que ele precisasse de um banho. Depois, quase de um dia para o outro, Castro tornou-se um malvado vermelho e eu tive que começar a odiar Cuba. O meu ódio atingiu ápice quando ocorreu a crise cubana dos foguetes. Nos últimos anos, foi reduzido a uma lenta ebulição. Naturalmente, comecei a odiar de verdade os Vietnãmitas do Norte. E alguns Cambojanos, mesmo não tendo a certeza de quais Cambojanos tinha o dever de odiar. É possível que, nesta confusão, eu tenha odiado Cambojanos com quem eu devia ter simpatizado, a quem, neste caso, apresento minhas desculpas.

Os anos 60 representaram um dos momentos altos do meu ódio, perdendo apenas para o dos anos 40. Estava odiando os Russos, os Chineses, o Vietname do Norte e Cuba, e ao mesmo tempo eu nutria um intenso sentimento de antipatia

pela Coreia do Norte, e não tinha uma boa opinião da Albânia, até houve outros países que cheguei, de tanto em tanto, a amaldiçoar, mas cujos nomes não lembro mais. Entretanto, pouco tempo depois o Presidente Nixon disse que não devia mais odiar os Chineses, mesmo que ele não esperasse de mim que os abraçasse. E desde então não os odiei mais, exceto no último mês, quando pude odiá-los de novo por causa do modo como haviam tratado seus estudantes. Mas, parece que tudo já se acalmou e o Presidente Bush disse que é “okay” não odiá-los mais, e assim eu não os odeio mais. De fato, não devo odiar os Russos, e praticamente ninguém na Europa, porque nos tornamos todos amigos e todos eles morrem de vontade de comer “Quarter Pounds com queijo”, como fazem todas as pessoas de bem. E tudo isto não poderia ter acontecido em um momento mais propício, por causa da necessidade de odiar o Iraque. Posso ser imortal, mas possuo apenas uma quantidade limitada de ódio para espalhar.

Na verdade, não é tão difícil odiar o Iraque. Trata-se apenas de deslocar o meu ódio por algumas milhas. Até há pouco tempo atrás odiava o Iran e simpatizava, de um certo modo, com o Iraque que combatia o Iran. Mas agora, chegado o momento de odiar o Iraque, não é necessário odiar o Iran. Salvo se ele se associar ao Iraque, o que me levará a odiá-lo novamente. O Iran claro. Felizmente existe menos pressão para odiar outras nações árabes, que antes eu odiava por seu envolvimento com o terrorismo. Mas, agora estas nações dizem que também odeiam o Iraque, o que quer dizer que eu posso simpatizar com elas. Pelo menos por algum tempo. As coisas podem mudar rapidamente e eu poderia ter necessidade de odiá-las novamente, por isso, preventivamente, não lhes tenho demasiada simpatia.

Eu me pergunto se chegará o tempo em que não existirá necessidade de alguém ser odiado. Depende de nós.

Estou deixando o cargo de Diretor de Publicações de nossa Sociedade, este é o último número do Jornal de Pediatria desta gestão, muda a Diretoria da SBP e, como é a ordem natural das coisas, um novo Diretor assumirá esta responsabilidade. Agradeço a todos os que comigo colaboram, sem cujos esforços não teríamos conseguido recuperar o nosso Jornal. Creio que estes não foram em vão, cumprimos nossa missão. Hoje temos uma revista mais pujante, de melhor qualidade, praticamente autossuficiente e a caminho, como sei ser meta da próxima equipe editorial, da tão almejada indexação.

Fato que certamente fortalecerá ainda mais a revista e a nossa Sociedade.

Fazendo parte deste meu agradecimento, quis traduzir a mensagem supra (que, além do jornal acima, já foi publicada em uma revista de pediatria de outro país), que ilustra de maneira inteligente e bem humorada, que sempre é possível mudar e até, deixar de odiar; pois, vendo as imagens da ex-Iugoslávia, das chacinas, as nossas crianças de rua, a fome...

Eu me pergunto se chegará o tempo em que não existirão mais crianças sofrendo. Depende de nós.

Claudio Leone
Diretor de Publicações

NORMAS PARA COLABORADORES

- 1) **JORNAL DE PEDIATRIA** é o órgão oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria. Destina-se à publicação de trabalhos originais, notas práticas, revisões, atualizações e relatos de casos clínicos enviados pelos membros da Sociedade Brasileira de Pediatria, pediatras em geral ou outros especialistas convidados. Além disso, o **JORNAL DE PEDIATRIA** publica, em tradução, artigos estrangeiros, na íntegra ou resumidos, julgados válidos pela Comissão Editorial. Serve também como veículo de divulgação da Sociedade Brasileira de Pediatria e de assuntos de interesse geral para os pediatras. Eventualmente, de acordo com decisão da Comissão Editorial, poderão ser incluídos outros assuntos que não os especificados acima.
- 2) O tamanho ideal para um artigo é 8-12 páginas, incluindo gráficos e tabelas, datilografados em espaço dois em papel ofício, de um só lado, com margem lateral de 2,5cm. É indispensável que os artigos venham acompanhados de um resumo em português e outro em inglês, com, no máximo, 10 (dez) linhas cada um.
- 3) Terão preferência para publicação os artigos breves e (ou) de caráter prático, com o mínimo indispensável de gráficos e tabelas.
- 4) Os gráficos e desenhos deverão vir em nanquim.
- 5) A bibliografia, elaborada nos moldes do INDEX MEDICUS, em ordem alfabética rigorosa, numerada e ficará limitada às referências do texto, devendo ser evitado o excesso de citações (10 a 20 é o ideal), as quais oneram a composição e dificultam a revisão. Exemplo de referência bibliográfica:
 - a) Artigos:
MOURA, EFA - Aleitamento ao seio. Frequência de crianças amamentadas dentro do primeiro ano de vida. J. pediatr. (Rio J.) 1986. 61(1). 27-29.
 - b) Livros:
SMITH, DW - Ajustamento psicológico à criança com malformações anatômicas. 13ª ed. São Paulo, Manole, 1985.
 - c) Capítulo em livro:
LIMA, FMT de - Tabagismo e câncer do pulmão. Fumo ou saúde. São Paulo, BRADEPCA, 1985, pág. 211-220.
- 6) Toda colaboração enviada será examinada pela Comissão Editorial. Caso seja aceita, caberá exclusivamente a esta Comissão determinar a data da publicação, não implicando a aceitação em compromisso de prazo determinado para publicação.
- 7) A Comissão Editorial se reserva o direito de efetuar pequenas modificações que de maneira alguma alterem a essência do trabalho, desde que isso seja indispensável ou vantajoso para a publicação.
- 8) Os artigos publicados só poderão ser reproduzidos em outras revistas mediante autorização expressa do **JORNAL DE PEDIATRIA**.
- 9) Os artigos deverão ser enviados diretamente, em três vias, à Diretoria de Publicações da SBP, à Rua Visconde Silva, nº 52 - salas 503/504 - CEP 22271-90 - Rio de Janeiro - RJ

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA

FILIADA À ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA